

AMOR EM SILÊNCIO: A CONSTRUÇÃO DA SEXUALIDADE EM PESSOAS SURDAS

LOVE IN SILENCE: THE CONSTRUCTION OF SEXUALITY IN DEAF PEOPLE

AMOR EN SILENCIO: LA CONSTRUCCIÓN DE LA SEXUALIDAD EN PERSONAS SORDAS

Francisco Francinete Leite Junior ¹

João Batista Monte de Oliveira ²

Pedro João Cavalcante Junior ³

Manuscrito recebido em: 24 de maio de 2021.

Aprovado em: 31 de agosto de 2021.

Publicado em: 13 de setembro de 2021.

Resumo

O presente artigo aborda a temática “Amor em silêncio: a construção da sexualidade em pessoas surdas” com o intuito de fortalecer o trabalho educativo como um dos elementos fundamentais para o conhecimento da pessoa surda. Assim, surgiu as seguintes indagações: como o professor deve proporcionar condições para que os alunos surdos expressem suas ideias sobre a sexualidade? Quais as estratégias utilizadas para efetivar a transposição didática do tema? Quais as metodologias que pode facilitar o entendimento do conhecimento científico, associando-o ao cotidiano do aluno ao aluno surdo? A pesquisa objetivou compreender a concepção de sexualidade de alunos surdos e não surdos e saber como expressam, mesmo no silêncio. A metodologia da pesquisa possui eminentemente caráter qualitativo, pois busca entender um fenômeno específico, trabalhando com descrições, comparações e interpretações analíticas, articulando teoria e experiências.

Palavras-chave: Amor; Sexualidade; Surdo; Ensino; Aprendizagem.

Abstract

This article addresses the theme "Love in silence: the construction of sexuality in deaf people" with the aim of strengthening educational work as one of the fundamental elements for the knowledge of deaf people. Thus, the following questions arose: how should the teacher provide conditions for deaf students to express their ideas about sexuality? What are the strategies used to carry out the

¹ Doutorando em Psicologia Clínica pela Universidade Católica do Pernambuco. Mestre em Psicologia pela Universidade de Fortaleza. Docente no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio e na rede Municipal de Educação de Jardim. Líder do Grupo de Pesquisa Psicologia e Subjetividades Contemporâneas.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8431-0513>

Contato: professor.juniorlinhares@gmail.com

² Especialista em Libras pela Faculdade de Ciências Administrativas e de Tecnologia. Graduado em Pedagogia pela Faculdade Fazenda Nova do Imigrante. professor da Rede Pública Municipal de Brejo Santo.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4006-3156>

Contato: jjbdeoliveira@gmail.com

³ Graduando em Matemática pela Universidade Regional do Cariri. Professor da Rede da Rede Privada de ensino da cidade de Brejo Santo

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4090-4069>

Contato: pedro.cavalcantejr001@gmail.com

didactic transposition of the theme? What methodologies can facilitate the understanding of scientific knowledge, associating it with the daily life of the deaf student? The research aimed to understand the conception of sexuality of deaf and non-deaf students and to know how they express it, even in silence. The research methodology has an eminently qualitative character, as it seeks to understand a specific phenomenon, working with descriptions, comparisons and analytical interpretations, articulating theory and experiences.

Keywords: Love; Sexuality; Deaf; Teaching; Learning.

Resumen

Este artículo aborda el tema "Amor en silencio: la construcción de la sexualidad en las personas sordas" con el objetivo de fortalecer la labor educativa como uno de los elementos fundamentales para el conocimiento de las personas sordas. Así, surgieron las siguientes preguntas: ¿cómo debe el docente proporcionar condiciones para que los estudiantes sordos expresen sus ideas sobre la sexualidad? ¿Cuáles son las estrategias utilizadas para llevar a cabo la transposición didáctica del tema? ¿Qué metodologías pueden facilitar la comprensión del conocimiento científico, asociándolo con la vida cotidiana del alumno sordo? La investigación tuvo como objetivo comprender la concepción de la sexualidad de estudiantes sordos y no sordos y saber cómo la expresan, incluso en silencio. La metodología de investigación tiene un carácter eminentemente cualitativo, ya que busca comprender un fenómeno específico, trabajando con descripciones, comparaciones e interpretaciones analíticas, articulando teoría y experiencias.

Palabras llave: Amor; Sexualidad; Sordo; Enseñando; Aprendiendo.

Introdução

O presente estudo sobre “Amor em Silêncio: a construção da sexualidade em pessoas surdas” é uma pesquisa que surgiu a partir da complexidade da sexualidade no contexto das deficiências. Enfatiza-se a relação desta com a escola e a juventude, levando em conta o enfoque educativo como um dos elementos fundamentais na qualidade da atenção prestada no campo da saúde sexual e reprodutiva da pessoa surda.

Assim, abordar essa temática, na perspectiva educacional, possibilita refletir sobre a oferta de oportunidades aos sujeitos de expressarem suas ideias sobre o amor, a amizade, a família, o namoro, o ato sexual, a gravidez, a paternidade e maternidade, as relações de gênero, as infecções sexualmente transmissíveis, o prazer e a própria juventude.

A problemática surgiu com as seguintes indagações: como o professor deve proporcionar condições para que os alunos surdos expressem suas ideias sobre a sexualidade? Quais as estratégias de que se utilizará para efetivar a transposição didática

do tema? Quais as metodologias que irão facilitar o entendimento do conhecimento científico, associando-o ao cotidiano do aluno ouvinte ao aluno surdo?

Sabe-se que atualmente vive-se em uma época de excessos de estímulos sexual em que a mídia promove certos incentivos para o ato sexual sem dar a mínima noção de segurança. A questão moral está hoje obscurecida por inquietações sobre o impacto do sexo na qualidade de vida do indivíduo. A televisão, o cinema, a imprensa, a propaganda, inundando o cotidiano dos jovens com apelos sexuais jamais vistos por outra geração. A partir daí que nasce a fantasia de que toda relação sexual é maravilhosa, visto que o adolescente se deixa influenciar por esse bombardeio de informações. Por este princípio, percebe-se que o espaço da escola deve ser valorizado para se discutir questões em torno da sexualidade, não como controladora da vontade do sujeito, mas como instância propiciadora de reflexão sobre a temática.

Portanto, a pesquisa objetivou compreender a concepção de sexualidade de alunos surdos e não surdos e saber como expressam em seu silêncio, fazendo com que a partir dos resultados, os professores possam elaborar estratégias metodológicas para trabalhar essa temática nas escolas.

Dessa forma, abordar a sexualidade, que está presente em todas as faixas etárias, é um desafio para o ensino da Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS, pois ela pode ser compreendida por meio de aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais e corresponde um conjunto de concepções e valores que envolvem a intencionalidade humana e a expressão afetiva de cunho social e histórico, especialmente da pessoa surda.

A metodologia da pesquisa busca em autores o conhecimento sobre o assunto e mostra o compromisso do professor como um agente importante no processo de ensino-aprendizagem. A relevância do estudo está em promover o conhecimento sobre a temática para melhor trabalhar a pessoa surda.

Revisão bibliográfica

- Identidade Surda: constituição de um ser silenciado

Antes de pensar na temática da sexualidade, precisa-se dar importância à vida dos jovens surdos na escola, verificar onde ela se faz mais presente de maneira significativa na vida desses sujeitos. Refletir sobre a identidade surda, é perceber que tais sujeitos vivem a sexualidade promovendo um deslocamento intelectual e de comportamento do ser humano, sob aspectos íntimos vivenciados pelos sujeitos desta pesquisa.

As atitudes reflexivas que desenvolvem um pensar e um agir de maneiras diferenciadas, fazendo sentido nas vidas desses jovens. Manifestando importantes instrumentos para que eles se apoderem de suas sexualidades, sendo importantes também, uma vez que, assim como todos os jovens, necessitam de mediações para buscarem caminhos coesos, sérios, críticos, autônomos, respeitáveis e dignos.

Portanto, o professor precisa ser um investigador diante do silêncio do surdo, ampliando as várias perspectivas diante dos significados deste silêncio. Com esses comportamentos, buscam onde estão suas origens, quem são as molas propulsoras e/ou fixadoras das ideias que os jovens surdos carregam consigo a respeito da sexualidade. No entanto, conhecer a cultura, suas famílias e as escolas, para fortalecer as formas distorcidas construídas na sociedade, mídia, religião, aperfeiçoadas e concretizadas dentro dela. Ou ainda, fazer uma soma de tudo que aí aparece na sociedade, que é a grande propagadora de como os jovens entendem do certo e errado, ao exaltar belos corpos, consumos exacerbados e muitos produtos que mostra uma beleza padrão para os jovens mostrarem sua sexualidade.

São várias as questões que precisamos entender para desconstruir alguns mitos ou até mesmo para entender algumas más eficiências educacionais no que tange ao trabalho de educação em sexualidade e relações de gênero na escola.

Sabe-se que a participação social do surdo se inicia na família, passando, necessariamente, pela garantia de convívio em um espaço onde não haja repressão de sua condição de surdo, onde possa se expressar da maneira que mais lhe satisfaça, mantendo

situações prazerosas de comunicação e convívio social, pressupondo o respeito e o conhecimento de sua singularidade refletida no direito de comunicação, por meio da língua de sinais. O que define a comunidade surda como minoria, é a língua, no entanto, não só a língua, mas a característica de interatuar visualmente no mundo, desenvolvendo questões identitárias e uma cultura diferente indissociável da sua língua.

A violência à qual os surdos são submetidos ao serem privados de sua língua natural, levava-os a uma permanente sensação de isolamento [...] em decorrência do isolamento, do sentimento de rejeição familiar, é comum o surdo reagir de forma apática ou agressiva – assim como qualquer criança (WITKOSK, 2009, p. 571).

Neste sentido, reforça-se a ideia de que inclusão não consiste em apenas obrigar instituições de ensino a aceitar o surdo como aluno, mas sim, dar-lhe condições, por meio de projetos pedagógicos e de apoio à família, para ele se desenvolver pelo uso da sua língua natural, propiciando interação social que não o pressione a ser igual aos ouvintes.

- A construção social do entendimento sobre a sexualidade na vida do surdo

A construção social da representação dos surdos geralmente é vinculada à limitação biológica, no caso, o sujeito e seus processos de subjetivação são reduzidos à deficiência, excluindo-se, principalmente pelo adulto ouvinte, outras possibilidades de subjetivações. A deficiência é uma marca que historicamente tem pertencido aos surdos. E assim, o povo surdo tem sido encarado de uma perspectiva exclusivamente fisiológica (déficit de audição), dentro de um discurso de normalização e de medicalização, cujas nomeações, como todas as outras, imprimem valores e convenções na forma como o outro é significado e representado (GESSER, 2009).

Já a Educação Sexual no Brasil ainda não é uma tarefa fácil, isso pode ser justificado pela falta de formação dos/as professores/as no que se refere ao referido tema. De acordo com a professora Eliane Rose Maio Braga, que denuncia a falta de preparo dos/as profissionais da educação e contribui para que a sexualidade não seja discutida na escola.

Para Braga (2009, p.03)

[...] as manifestações sexuais que aparecem na escola demonstram, a cada momento, as dificuldades que as instituições educativas apresentam quando tratam da temática da sexualidade em seu cotidiano. Uma proposta de educação sexual adequada, consciente e emancipadora, poderia contribuir para o objetivo de tornar toda a comunidade educativa apta a discutir assuntos importantes para o discernimento, na área da sexualidade.

No que se refere aos direitos sexuais e reprodutivos, a reflexão principal incide na aceitação de distintas formas de expressar a sexualidade e a livre autonomia de decisão sobre o uso do corpo (ÁVILA, 2003). Concomitante a isso, Corrêa, Jannuzzi e Alves (2006) destacam a dimensão sexual como constitutiva das relações amorosas e dos laços afetivos entre as pessoas. Ainda que os direitos sexuais e reprodutivos estejam formalizados em importantes documentos como a Declaração dos Direitos Humanos (1995), é perceptível a necessidade de afirmação da universalidade dos mesmos, na medida em que muitos grupos populacionais têm seus direitos violados. Vale frisar que a sexualidade é uma importante esfera da vida, abrangendo aspectos biológicos, psíquicos, sociais, culturais e históricos (TONELLI, 2012).

Entendida como inerente à vida humana, a sexualidade é abordada nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) como uma construção social que é “marcada pela história, cultura, ciência, assim como pelos afetos e sentimentos, expressando-se então como singularidade em cada sujeito” (BRASIL, 1999, p.81).

Silva e Megid Neto (2006, p. 186) apontam que “[...] a Educação Sexual de crianças e de jovens sempre existiu, mas se fez mais pela omissão e repressão do que por intermédio de uma educação dialogada, humanista e libertária”. Logo, percebe-se que a habilidade em discutir temas relacionados à sexualidade, diversidade sexual e gênero ainda não estão presentes em quase todas as escolas.

A falta de conhecimento sobre sexualidade na língua brasileira de sinais é uma realidade e afeta diretamente o jovem surdo. Nesse sentido se faz necessário destacar que jovens ouvintes também tem esta dificuldade. Como apontam Marola, Sanches e Cardoso (2011), esta confusão é muito frequente entre os adolescentes ouvintes, visto que estes têm o maior contato com questões da sexualidade nos ambientes informais, via oralidade.

Sendo assim, há uma linha muito tênue que irá separar o não conhecimento sobre o termo que os ouvintes têm devido à falta de educação sexual com profissionais especializados, do desconhecimento total do significado, devida a não existência de um sinal que circule entre os jovens, de um signo linguístico nunca visto mesmo em meios informais, entre os jovens, mídias e os meios que possam atingi-los de modo direto ou indireto.

Portanto, a escola deve ter o compromisso de trabalhar sexualidade, sabendo da importância de um enfoque educativo fundamental, na qualidade da atenção prestada no campo da saúde sexual e reprodutiva dos alunos surdos e não surdos.

- A importância do intérprete na educação sexual de jovens surdos

A escola é o espaço plural e dinâmico que possibilita reconhecer e reconstruir aspectos que favoreçam a sexualidade e relações de gênero, priorizando a igualdade e equidade entre toda a comunidade escolar, repudiando os que provocam a desigualdade, modos de exclusão, preconceito e violência.

É indispensável que reconheçamos que a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas que ela própria as produz.

Podemos estender as análises de Foucault, que demonstraram o quanto às escolas ocidentais se ocuparam de tais questões desde seus primeiros tempos, aos cotidianos escolares atuais, nos quais podemos perceber o quanto e como se está tratando (e constituindo) as sexualidades dos sujeitos (LOURO, 2007, p. 81).

É importante salientar que os surdos aprendem de maneira viso-gestual e não são menos capacitados para se desenvolverem do que as pessoas ouvintes em relação aos conceitos que circulam na escola. Porém, é perigoso o intérprete convencionar, por exemplo, um sinal para "sexualidade", uma vez que esse sinal não existe em Libras, e muitas vezes é um sinal atrelado a sexo; se o professor tiver formação em sexualidade e em libras, ele buscará desatrelar em suas aulas os dois conceitos. Essa é uma das barreiras

que existem nas formações distorcidas de conceitos relativos à temática no ensino para os sujeitos surdos.

Vitella (2004), aponta em seus estudos, que os professores, de maneira geral, não recebem formação inicial ou continuada adequada para trabalhar estes temas nas salas de aula e em todo ambiente escolar, com seus alunos, mas também entre seus pares, ou outros profissionais que atuam no ambiente escolar, sejam eles o monitor, o intérprete, o diretor, o faxineiro, o merendeiro, enfim, todos que convivem no âmbito educacional.

O professor não tem uma boa formação em Libras e nem a formação para o trabalho em sala de aula com sexualidade e gênero, assim como também não tem fundamentação teórica na sua formação inicial e continuada, para o entendimento do aluno surdo.

As discussões na escola são importantes para os jovens criarem seus próprios entendimentos, tendo suas próprias concepções das temáticas, sempre lembrando que o mediador, no caso o professor, não é um transmissor e sim um provocador de ideias, que deve constantemente desconstruir mitos e ideias e fazer brotar novos pensamentos nos alunos, tendo como pano de fundo a ciência. Para as provocações dos mediadores sobre sexualidade, é sempre importante que o mediador esteja atento e buscando saber quais as principais fontes que levam a informação para estes jovens.

Metodologia

Este estudo possui eminentemente caráter qualitativo, pois busca entender um fenômeno específico, trabalhando com descrições, comparações e interpretações analíticas. Segundo MYNAIO, (2006) considera a investigação qualitativa, em que os dados são coletados no contato direto com as pessoas em seu próprio contexto. A preocupação está dirigida à compreensão de comportamentos, experiências, motivos, crenças, valores, atitudes, aspirações e o modo como as pessoas interpretam e dão sentido a determinados aspectos.

É também uma revisão de literatura bibliográfica em que tem por base um material já elaborado, como livros, trabalhos e artigos científicos, tornados públicos, com a finalidade de propiciar aos pesquisadores, o exame e análise de um tema, considerando

um enfoque ou abordagem, para evidenciar o que já foi e como foi pesquisado, por exemplo, ou ainda, para apontar lacunas em uma área de conhecimento (GIL, 2002; LAKATOS; MARCONI, 2003).

O trabalho contou, para a coleta de dados, com alguns instrumentos da abordagem qualitativa: roda de conversa com a proposta de observar as inter-relações, diretamente do cotidiano escolar, realizando diários da classe onde os alunos surdos estavam inseridos. A observação deu-se da forma mais natural possível, pois embora estando diante da sala de aula, foi se constituindo como um grupo de alunos, independentemente das línguas que circulavam nela e a pesquisa acontecendo.

Resultados e Discussão

Os resultados desta pesquisa se identificam nos significados de sexualidade e relações de gênero presentes em um determinado grupo, no caso na sala de aula do 5º Ano do Ensino Fundamental, formado por alunos surdos e não surdos, de uma escola pública municipal na cidade de Brejo Santo Ceará.

O espaço de diálogo criado a partir de uma roda de conversa possibilitou a horizontalização e a conversa a partir da compreensão de tais alunos sobre a temática. O público participante era predominantemente formado por adolescentes entrando na fase da puberdade, em que tal temática se apresenta como atrativa.

Para Moreira (2010), a sexualidade é tratada pelo enfoque biológico-funcional e psicológico, de forma prescritiva e reguladora, em que os sujeitos surdos são referidos como incapazes de receber informações e experimentar relações no seu cotidiano. Na pesquisa feita por Glat (2004), percebe-se que as manifestações da sexualidade dos jovens surdos são iguais às dos demais jovens, o problema por eles enfrentado nesse campo diz respeito ao acesso a informações corretas devido às dificuldades de comunicação e ao preconceito.

E como o surdo não tem acesso à informação, é muito importante que ele possa ter esse acesso em Libras sobre essa temática. Nesse sentido, para Maia (2008) a relação entre sexualidade e deficiência sensorial está voltada mais às dificuldades psicológicas e sociais

do que as especificidades orgânicas intrínsecas às deficiências, assim a deficiência sensorial não compromete necessariamente a resposta sexual, onde possíveis distúrbios sexuais se relacionam mais aos aspectos psicossociais que aos biológicos.

Foram obtidos, a partir dos alunos participantes alguns comentários proferidos por ouvintes em roda de conversa, trazendo elementos mais significativos citados por todos. Esses elementos mais significativos e evidentes a todos os protagonistas geraram as pesquisas que fizeram compreender a importância de trabalhar a sexualidade com alunos ouvintes e surdos.

A roda de conversa foi uma estratégia muito importante, pois libertava a pessoa, para que ela pudesse se instrumentalizar, interagir, olhar, escutar, a partir do outro que estava a sua volta, como no caso desse estudo, os sujeitos surdos. As rodas de conversas possibilitam encontros dialógicos, criando possibilidades de produção e ressignificação de sentido saberes sobre as experiências dos partícipes. Os sujeitos que as compõem se implicam, dialeticamente, como atores históricos e sociais críticos e reflexivos diante da realidade. (SAMPAIO; SANTOS; AGOSTINI; SALVADOR, 2014, p.13).

“As rodas devem ser desenvolvidas em um contexto em que as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves” (FIGUEIREDO; QUEIROS, 2013, p. 1). Mas o que se observou nas rodas de conversa realizadas na escola, foi a possibilidade de momentos de muita reflexão e aprimoramento, por não intimidarem, não podarem as “falas”, a liberdade dos surdos usarem a Libras, para falar de um assunto muito difícil, que traz vergonha, mal estar, sentimento de culpa e medo, mostrou as dificuldades que o sujeito surdo, no caso desse estudo, enfrenta e seus equívocos quanto ao tema, devido a sexualidade não ser amplamente discutida e refletida em todas as instância da sociedade, principalmente na escola.

Esses comentários foram compilados e apresentados, destacando os achados mais relevantes colhidos, visando estabelecer as ideias centrais contidas no texto. Ficou claro diante da roda de conversa que trabalhar essa temática em um primeiro momento, as deficiências sensoriais não produziram limitações nos mecanismos de resposta sobre sexualidade, mas provocam dificuldades na adaptação do indivíduo ao seu meio social.

No sujeito surdo, por exemplo, o déficit auditivo não inibe o seu funcionamento genital, mas as dificuldades de comunicação complicam sua integração social e a assimilação de conhecimentos e experiências necessárias para um ajuste social/sexual, sendo a Libras peça fundamental para essa inserção, na qual se estabelece uma relação direta entre a aquisição da língua (de sinais) e as significações que o sujeito faz de si e do mundo, inclusive da sua sexualidade, pois antes disso o sujeito não tem aparato linguístico suficiente para estabelecer tais significações.

Maia (2008) tenta resumir as dificuldades mais comuns que podem limitar o desenvolvimento de uma sexualidade sadia e prazerosa para as pessoas com deficiência sensorial. A autora lista os seguintes obstáculos:

Atribuição de uma identidade deficiente anterior a uma pessoal, em que a deficiência sobrepõe à identidade pessoal; Isolamento social, que se traduz na convivência em guetos e com pares igualmente estigmatizados pela deficiência; Necessidade de inserção ao padrão estético de “normalidade”; Limites para vivenciar o desenvolvimento sexual na infância, sob constante controle e vigília dos adultos; Problemas para discriminar ambientes adequados para expressar sua sexualidade; Problemas para discriminar condutas socialmente desejáveis; Problemas de comunicação e entendimento de conceitos, o que limita interações sociais e acesso a informações e falta de acesso ao conhecimento adequado sobre questões básicas da sexualidade. (MAIA, 2008, p. 76).

Percebe-se que a educação sexual nas escolas, de maneira geral, tende a dar foco privilegiado a reprodução e a forma de prevenir o sexo e seus perigos, não levando em consideração que a sexualidade também tem um caráter de prazer e de intimidade. Ainda existe a crença da privação de uma orientação sistemática para os deficientes como forma de prevenção visando não despertar do interesse pelo sexo, porém Maia (2006) contrargumenta estabelecendo que tal premissa não tem fundamento, pois qualquer jovem é constantemente bombardeado por informações relacionadas a sexualidade, seja nos ambientes midiáticos, através de colegas e das relações sociais. Todavia, muita das vezes, tais informações chegam de forma deturpada e fragmentada, podendo sofrer múltiplas interpretações, o que justificaria a real necessidade de uma orientação sexual com bases científicas, informativas e reflexivas atendendo a demanda, e levando em consideração as peculiaridades desse público.

A diversidade sexual tende a ser inviabilizada, sendo escassamente tematizada como conteúdo didático nas escolas e espaços formativos e, frequentemente, a homofobia é subestimada em seus efeitos negativos aos sujeitos homossexuais. A solidão é um desdobramento marcante da homofobia, dessa forma, a pessoa homossexual acaba por ficar à margem do seu grupo social, comprometendo sua convivência com os demais

Lionço e Diniz (2009) colocam que muitos adolescentes que começam a sentir atração por pessoas do mesmo sexo, se sentem constrangidos pela desvalorização da homossexualidade e tendem a omitir sua condição, não encontrando na escola ou nos professores uma referência para compartilhar suas dúvidas sobre sexualidade.

Nos estudos de Beche (2005), em que se discute a relação entre deficiência e sexualidade, a autora aponta a percepção dos surdos sobre a sexualidade, evidenciando que o tema ainda causa dúvida e incompreensão, pois há pouca informação disponível (na família, na escola e outras instituições de apoio) sobre o assunto em questão.

Nessa linha, Bisol (2008) afirma que o surdo não encontra na família espaço proveitoso para dirimir suas dúvidas sobre sexualidade, pois na maioria dos casos, a comunicação é precária devido a não fluência em Libras. Dessa forma, é na escola e no convívio com surdos adultos e/ou ouvintes, que pode acontecer o tratamento da temática.

Conclusão

Ao tecer as palavras de encerramento, chega-se à compreensão da escassez de conhecimentos sobre assuntos relacionados à sexualidade que precisam ser trabalhadas com os jovens alunos e especialmente aos jovens surdos. Percebe-se a inexistência do acesso ao conhecimento sobre sexualidade e gênero, além da dificuldade da escola e da família promover espaços para o diálogo sobre a temática.

A falta de conhecimento, que não se dá por meio da Libras, os induz, muitas vezes, a ficarem muito presos ao que eles entendem por normal ou anormal, certo e errado, guiados pelos olhos, não pelos discursos de aprendizagem, de reflexão, de conhecimento e socializados entre eles. Neste sentido, pode-se afirmar que o surdo é marcado por uma diferença que muitas vezes o segrega e discrimina, categorizando-o como uma pessoa

diferente, a passo que são pessoas de direitos e deveres tais como os ouvintes. Inclusive para o exercício pleno de suas sexualidades.

O tema “Amor em silêncio: a construção da sexualidade em pessoas surdas” teve a relevância de intensificar as reflexões sobre as desigualdades, se faz importante os trabalhos formativos com os jovens surdos, o qual proporciona, como os momentos vividos por eles nessa pesquisa, a temática de sexualidade, deve ser inserida nos anos iniciais de ensino nas escolas de educação básica até o Ensino Médio, e também nas licenciaturas, proporcionando conhecimentos constante sobre os assuntos de violência sexual, comportamento, relacionamento, cuidados com o corpo, influências midiáticas, padrões de beleza, questões de gênero, binarismo, machismo, religião, e tantas outras questões que devem estar presentes na escola, para que alunos surdos e ouvintes, possam compreender adequadamente, para poder vivenciar na comunidade em que estão inseridos, com respeito, igualdade e equidade.

Referências

ÁVILA, M. B. Direitos Reprodutivos: o caos e a ação governamental. In: CORRÊA, S.; ÁVILA, M.B. Os Direitos Reprodutivos e a condição feminina. Recife: SOS Corpo, 2003.

BECHE, R. C. E. A sexualidade do surdo: retalhos silenciosos na constituição da sua identidade. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

BISOL, C. A. Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade. Tese (Doutorado em psicologia do desenvolvimento). Programa de pós-graduação em psicologia do desenvolvimento, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

BRAGA, E. R. M. Educação sexual e escola. In: Informativo UEM. Ano IV, nº 853, 11 de fevereiro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. Parâmetros Curriculares Nacionais. Temas Transversais. 3 ed. Brasília: MEC/SEF, 1999.

_____. Direitos Humanos como Tema Global. São Paulo: Perspectiva, 1995.

CORRÊA, S.; JANNUZZI, P. M.; ALVES, J. E. D. Direitos e saúde sexual e reprodutiva: marco teórico-conceitual e sistema de indicadores. In: CAVENAGHI, Suzana (Org.). Indicadores municipais de saúde sexual e reprodutiva. 2006. Rio de Janeiro: ABEP, Brasília: UNFPA, 2006.

FIGUEIREDO, A. A. F.; QUEIROZ, T. N. A utilização de rodas de conversa como metodologia que possibilita o diálogo. In: Seminário Internacional Fazendo Gênero, 10, 2013, Florianópolis.

GESSER, A. LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda. São Paulo: Parábola editorial, 2009.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

GLAT, R. Saúde Sexual, Deficiência e Juventude em Risco. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2004.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Técnicas de pesquisa: planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação dos dados. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LIONÇO, T.; DINIZ, D. Homofobia e Educação: Um desafio ao silêncio. Ed. Brasília, DF: Editora da UnB, 2009.

LOURO, G. L. Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 2007.

MAIA, A. C. B. Sexualidade e deficiências no contexto escolar. Tese (Doutorado em Educação) Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Marília, 2008.

MINAYO, M. C. S. (Org.) Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 6 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2006.

MOREIRA, S. Z. A mulher surda e suas relações de gênero e sexualidade. In: SKLIAR, C. A. Surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre, Mediação, 2010.

SAMPAIO, J. et. al. Limites e potencialidades das rodas de conversa no cuidado em saúde: uma experiência com jovens no sertão pernambucano. Interface, Botucatu, v. 18, supl. 2, 2014.

SILVA, R. C. P.; MEGID NETO, Jorge. Formação de professores e educadores para abordagem da educação sexual na escola: o que mostram as pesquisas. Ciência e Educação, v. 12, n. 2, 2006.

VITIELLO, N. Reprodução e Sexualidade. São Paulo: Ceich, 2004.

WITKOSKI, S. A. Surdez e preconceito: a norma da fala e o mito da leitura da palavra falada. Revista Brasileira de Educação. v. 14 nº. 42, set./dez, 2009.